

## UM MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO NAS BELAS ARTES

Cândido Portinari

Todos os movimentos revolucionários sucederam aos intelectuais. Os artistas preparam o povo para as revoluções, pela influência que exercem diretamente. O estado de evolução de um país mede-se matematicamente pela sua arte. Stalin, em um dos seus últimos discursos, diz que Dostoiewski fez mais pela revolução russa do que o próprio Lenine. Jean-Jacques Rousseau foi também, na Revolução Francesa, um dos precursores.

Marinetti deu na Itália o primeiro grito de renovação. O espírito de modernidade espalhou-se por toda parte. Apenas na Itália generalizou-se. Em todos os setores houve remodelação. Nos outros países foi, sobretudo, em arte a transformação. Na França onde o modernismo triunfou primeiro e onde, pode-se dizer, instalou seu quartel-general, há ainda uma academia composta por 40 velhos e não há lugar para um moço. Marinetti, na Itália, despertou a mocidade, mostrando-lhe as suas próprias forças, as diretrizes a seguir, sem deter a analisar o caminho percorrido. Na época dos grandes inventos não há tempo a perder em análises de coisas passadas: é preciso marchar para a frente e as coisas realizadas pertencem ao passado. Marinetti, tendo fé absoluta na mocidade e consciência de momento, foi um dos precursores do fascismo. A arte moderna, da Itália, deve o seu desenvolvimento ao fascismo assim como o fascismo deve a sua vitória à juventude. A Academia Real de Itália é composta quase na sua totalidade por gente moça: é uma Academia que não é uma Academia como afirmou Marinetti na sua última conferência realizada em Paris.

Em todas as cidades da Itália o sindicato nacional fascista de Belas Artes organiza exposições de arte plástica.

O Duce inaugura-as com discursos que podem figurar em qualquer história das belas artes. As recompensas não são apenas honoríficas. As

listas enumerando os prêmios em dinheiro dão um livro... que dá aos pintores vontade de trabalhar.

É certo que o grupo futurista de Marinetti não realizou, a não ser um ou outro isoladamente. Entretanto, o movimento novecentista não teria surgido se não encontrasse o campo desimpedido. DeChirico, um dos pintores consagrados em Paris, é produto desse meio. Tosi, Carena, Soffici, Cara, Prampolini e outros, que são os vanguardistas da Itália fascista, surgiram também desse movimento.

A pintura decadente do século passado teve na Itália o seu maior desenvolvimento tanto que chegou a alastrar-se até há pouco. A Itália de hoje é nova em tudo — com os Nitti desapareceram também os Sartorios. Modigliani se tivesse permanecido na Itália em seu tempo, seria sufocado pelo ambiente. A Itália da época não o perdoaria. Os Bristolfi estavam em cena. Os artistas eram obrigados a emigrar para a França onde o espírito do povo foi sempre tolerante, apesar de conservador.

Hoje Mussolini adquire obras de Modigliani e funda museus de arte moderna.

Há na América do Sul países que consideram o movimento moderno como coisa positiva. O único país que não quis tomar conhecimento, apesar dos exemplos, foi o Brasil. Aqui tudo permanece imutável em matéria de arte. O nosso museu é pobre e duas ou três obras que possuímos foram doadas por outros países.

O museu argentino possui obras de Goya, Demnier, Rousseau, Cézanne, Renoir, Manet, etc. Possuem nas praças públicas monumentos de Bourdelle e de Rodin. A exposição bienal de Veneza é uma das mais importantes do mundo, participando dela todos os países cultos. A Argentina tem o seu pavilhão onde mostra seguidamente ao mundo a sua produção artística.

No museu do Dome, em Paris, estão as obras dos grandes mestres contemporâneos adquiridas pelo governo francês e entre elas figuram quadros de pintores argentinos.

Todos os anos os grandes artistas europeus realizam exposições em Buenos Aires. Ainda há pouco lá estiveram os novecentistas italianos. Le Corbusier foi convidado pela Argentina para realizar conferências sobre arquitetura moderna. De volta a Paris Le Corbusier aqui esteve a convite do Instituto de Arquitetos, mas por iniciativa particular.

No Brasil o artista não vive da sua arte e quase todos se dispersam em outras ocupações. O governo o considera com desprezo e esta é uma das causas do nosso atraso. A Escola de Belas Artes está hoje como há cinquenta anos. Tudo ali continua na mesma — aulas, modelos e professores. Apenas os alunos mudaram e não se conformam em voltar atrás.

Ouviram o grito de renovação que partiu de Lúcio Costa, o Marinetti evoluído e integrado no espírito do momento.

A atitude dos alunos da Escola de Belas Artes dá ao Brasil uma grande esperança de renovação e para levar definitivamente avante esse movimento, precisa-se de um Mussolini.

(in *Hierarquia*, a. 1, nº 5, Rio de Janeiro, mar.-abr. 1932, pp. 188-189.)

